

## CAPÍTULO 1

# O imaginário indicial latino-americano, o âmbito de dois parresias antitéticos

FERNANDO ANDACHT

*En: Laan Mendes de Barros, José Carlos Marques, Ana Silvia Médola (eds.). Produção de sentido na cultura midiaticizada. 2020. Belo Horizonte: Fafich/SeloPPGCOM/ UFMG, 25-46*

### **1. O longo e sinuoso rumo à autenticidade: quando o *index appeal* encontra a parresia**

O que poderiam ter em comum o discurso fundamental da democracia e o gênero televisivo desacreditado e globalizado do *reality show*? Procuo reunir duas vertentes aparentemente incongruentes de minha pesquisa no que chamei de “giro indicial” (ANDACHT, 2003b), devido à principal atração semiótica dos inumeráveis formatos desse gênero e da parresia, ou do dizer verdadeiro, que Foucault (2010) estuda no final de sua vida. A peculiaridade compartilhada pelos formatos do *reality show* e pela comunicação política contemporânea é a atração indicial, ou *index appeal*. (ANDACHT, 2003a). Trata-se de um fenômeno que ocorre quando prevalece a ação ou semiose do signo indicial, aquele que representa seu objeto pela contiguidade existencial, factual, como as pegadas na areia.

Analiso aqui dois estilos de discurso político com alto impacto afetivo na América Latina. Embora a ideologia dos atores políticos envolvidos seja antitética, ambos exercem sua persuasão por meio do efeito semiótico da atração indicial. O ex-presidente do Uruguai José Mujica,

que governou o país de 2005 a 2010, encarna para seus seguidores uma visão utópica da democracia nesse pequeno país, mas também fora dele; enquanto o atual presidente brasileiro, Jair Bolsonaro, eleito para o período de 2019 a 2022, corporiza uma visão distópica para os muitos detratores de seu governo, no Brasil e fora do país. A impensável ou implausível afinidade semiótica desses políticos deve-se à tenaz procura social pela autenticidade, tanto no entretenimento quanto na eleição presidencial. O forte e massivo desejo de adesão a quem se acredita ser autêntico surge da crescente desconfiança dos signos simbólicos, que compõem o discurso político tradicional. Hoje essa classe de fala bem preparada e enunciada foi substituída por evidências tangíveis que batem nos cinco sentidos. A inteligibilidade clássica da palavra deu lugar à (quase) tangibilidade e à corporeidade dos signos indiciais, que convencem e conquistam a opinião pública em virtude do efeito de autenticidade de quem exhibe esses signos colados a seu corpo.

## **2. De uma possível afinidade teórica entre parresia e semiose indicial**

Desconhecia os seminários foucaultianos sobre a maneira inusitada de falar sem filtro algum, sem medo de dizer o que alguém pensa, que é essencialmente o ato da *parresia*, até ler uma análise da poesia oral, ou *slam*, de Nova York:

Por meio da paradoxal institucionalização do amador, a poesia jovem slam como um espaço liminar da contestação cultural facilita o desenvolvimento de uma estética da poesia jovem que valoriza a parresia, ou ato corajoso de dizer a verdade (*truth-telling*) e, ao fazê-lo, cumpre um papel vital na formação e na autenticação do sujeito para jovens poetas, na cidade de Nova York. (RIVERA, 2013, p. 115).

Argumento que este ato discursivo e performático é útil para analisar o comportamento público de figuras políticas como o ex-guerrilheiro e ex-presidente José *Pepe* Mujica, uma vez que a parresia é a base do efeito da autenticidade de sua pessoa, de sua identidade pública, a qual, para seus muitos seguidores e admiradores, não teria quase nenhuma diferença com sua identidade ou pessoal. A impressão que ambos os

políticos geram quando atuam no cenário político é inusitada, matéria quase inevitável para a mídia, quer favorável quer contrária a suas ideias. Uma cena bem no início do documentário *El Pepe: una vida suprema* registra essa característica parresiasta de forma inequívoca. A câmera mostra o então presidente do Uruguai em seu leito, dormindo; logo depois, o vemos sair de cueca. A montagem de seu despertar alterna planos de sua casa modesta e rural, enquanto registra suas falas para um interlocutor atencioso e admirado, o diretor Emir Kusturica. Mujica fala sobre o significado cósmico da existência – momento que a trilha sonora submerge no melancólico tango “En una tarde gris”. Acontece assim algo que poderia ser tomado como uma *parresia visual*, uma noção não teorizada pelos filósofos citados por Foucault nem por ele mesmo: refere-se às imagens de um homem de aparência muito humilde em roupa íntima. Essa visão insólita equivale a falar sem esconder nada e, portanto, supõe a atitude de se expor completamente ao outro.

Os espectadores testemunham com certo incômodo, imagino, um paroxismo da bem conhecida aparência informal, da esperável ausência de gravata, sua marca registrada, na cerimônia final da presidência de José Mujica.<sup>1</sup> Não há nada do esplendor ou do previsível protocolo com o qual devia ser representado o então presidente uruguaio, no último dia de seu mandato, pouco antes de partir para a cerimônia de posse do novo presidente, no dia 1º de março de 2015. Não consigo imaginar um discurso mais inequivocamente parresiasta do que o ato de filmagem do chefe do Estado uruguaio andando de cueca. O mais relevante para minha análise é o fato de Mujica protagonizar aquela cena com a completa consciência de se expor ao mundo daquele jeito, para além de descontraído. Sua aparência desleixada não foi capturada por uma câmera indiscreta.

No caso de Bolsonaro, sua condição de incorrigível parresiasta em inúmeras oportunidades manifesta-se, por exemplo, através de declarações de sua época como deputado, na campanha eleitoral e, mais

---

1. Enquanto se veste, Mujica diz a Kusturica que vai usar o mesmo terno – e a mesma manifesta falta de gravata – que em sua assunção presidencial, em 2010. Essa exibição de sua simplicidade espartana com sua já legendária falta de respeito pelo decoro associado à sua posição política fazem parte da *parresia visual*.

recentemente, em seu discurso à população sobre a Covid-19. Nessas ocasiões, Bolsonaro causou violentas repercussões adversas de seus adversários nas redes sociais e nas ruas das grandes cidades brasileiras. Um exemplo, entre muitos, é a chamada no Facebook de uma antologia do notório parresista sob o título “As piores frases do Bolsonaro” (Figura 1). Outro exemplo é a reprodução fotográfica de seus gestos bélicos na campanha presidencial de 2018 com frases de repúdio ao hoje presidente.<sup>2</sup> Sua remoção imediata do cargo é solicitada com insistência nas ruas e nas redes. Observando-se com atenção o gesto de Bolsonaro ao imitar o uso de armas de fogo (Figura 2), é fácil entender que esse signo provoca a reação violenta contra ele por parte de quem não votou no candidato vencedor da eleição presidencial de 2018.

A parresia visual surge da notável diferença entre expor argumentos em um debate a favor da posse de armas e defender essa ideia com seus gestos agressivos em suas apresentações eleitorais. Uma distinção analítica fundamental que Foucault introduz ao descrever a parresia como uma “atividade de fala” é diferenciá-la do “ato de fala”. A segunda noção refere-se à teoria filosófica dos *speech acts* de J. L. Austin, e é definida como “enunciação performativa”; Foucault (2010) contrasta a formalidade aprazível e previsível do ato de fala corriqueiro com a ousadia e o grande risco em que o parresista incorre. Haveria, penso, uma certa afinidade entre a função fática dos cumprimentos e o ato convencional de declarar aberta uma sessão, por exemplo. Enquanto são grandes, inclusive mortais, o risco e o perigo em acusar um homem poderoso, como Platão faz com Dionísio, tirano de Siracusa:

a modo de contraexemplo, como uma forma de enunciação que é exatamente a oposta da parresia, [...] a enunciação performativa (que) requer um contexto particular, mais ou menos estritamente institucionalizado, um indivíduo que possui o status exigido [...]. Dadas essas condições para que um enunciado seja performativo, (alguém) então faz esse enunciado. (FOUCAULT, 2010, p. 61).

---

2. Fischer e Vaz (2019) descrevem seu comportamento como o típico do “bufão” político, a partir do estudo do semiólogo francês Eric Landowski sobre a importância dessa figura na política contemporânea.



FIGURA 1: Meme contra as falas de Jair Bolsonaro no Facebook.  
FONTE: internet



FIGURA 2: Reprodução do gesto que Bolsonaro usou na sua campanha presidencial

Na parresia, explica Foucault (2010, p. 65), a enunciação tem o seguinte formato: “Eu sou aquele que pensa isso, e por isso eu o digo agora, pensem alguns o que pensarem”. Existe um compromisso arriscado causado pela atividade semiótica do parresiasta, que nunca é meramente cerimonial, como são os enunciados performativos na teoria de Austin. Essa distinção é o que nos permite falar de uma forte afinidade semiótica da parresia com a semiose indicial, a mesma que prevalece no *reality show*.

Peirce (1931-1958) postula a relação entre o signo e o *objeto dinâmico*, isto é, a expressão e o real tal como existe no exterior, no limite ou fronteira da ação sógnica, como a força que conduz de modo teleológico à interpretação. (RANSDELL, 2007). A definição do índice é baseada em um vínculo “dinâmico” que é o resultado da ação e reação entre o signo e seu objeto:

Um signo, ou representação, que se refere ao seu objeto não tanto por causa de alguma semelhança ou analogia com ele, não porque esteja associado a características gerais que aquele objeto poderia possuir, mas porque está em uma *conexão dinâmica* (incluindo a espacial), tanto com o objeto individual, por um lado, e com os sentidos ou a memória da pessoa para quem serve de signo, por outra parte. (PEIRCE, CP 2.305, grifo meu).<sup>3</sup>

Aquilo que caracteriza a parresia como ato semiótico é justamente sua “conexão dinâmica” com o enunciador dessa fala. Uma possível analogia poderia ser a prática das marcas corporais: fazer uma tatuagem em uma área muito visível do corpo, no rosto mesmo. Escolher fazer em si essa marca impossível de ser ignorada implica criar uma situação semelhante a quem efetua o ato parresiasta. Ostentar essa marca corporal notável equivale a fazer uma afirmação peremptória; a tatuagem é carregada como um sintoma eloquente de algo que se acredita ser importante exibir e dizer sobre si próprio para o mundo. Na parresia, alguém se coloca diante do Outro e lhe inflige esses signos, que não correspondem à “verdade” concebida como uma crença ou conclusão que resulta da

---

3. As citações de Peirce (1931-1958) não são localizadas pelo número da página, mas pelo número do volume seguido de ponto final e do número do parágrafo.

aplicação do quarto método, que Peirce chama de “científico” em *A fixação da crença*, de 1877. Parresia é aquilo que alguém pensa e está convencido de que seja verdade, alguém que não quer reservar-se e escolhe dizê-lo em sua totalidade. Essa é a etimologia da parresia.<sup>4</sup> As palavras, gestos ou atitudes descritíveis como parresias irrompem na comunicação como “um tremendo trovão (que) indica que algo enorme aconteceu, embora possamos não saber exatamente qual foi esse evento”. (PEIRCE, CP 2.285).

Pode parecer um pouco estranho que todos meus exemplos refiram-se a palavras, a signos simbólicos (além dos gestos e das posturas mencionadas). Proponho considerar essa atividade semiótica no seu conjunto – corpo, palavras, entonação, olhar e a situação concreta na qual acontece esse ato comunicacional – como se fosse um sintoma ou signo corporal que revela uma doença, porque “o signo (indicial) significa seu objeto apenas em virtude de estar realmente ligado a ele. Dessa natureza são todos os signos naturais e sintomas físicos. Eu chamo esse sinal de índice”. (PEIRCE, CP 3.361).

Foucault (2011, p. 16) contrasta o discurso do profeta com o do parresista, uma vez que este último “não deixa espaço para a interpretação”. Tal distinção bem poderia ser aplicada à diferenciação entre pornografia e erotismo: a primeira é vulgar e agressiva, pois exhibe tudo, enquanto o segundo procura uma finalidade estética e, para isso, o que mostra é tão importante quanto o espaço que deixa à imaginação e à interpretação do espectador:

o parresista [...] à diferença do profeta, não fala por enigmas. Ao contrário, ele diz as coisas da maneira mais clara e direta possível, sem nenhum disfarce ou embelezamento retórico, para que suas palavras possam receber imediatamente seu valor prescritivo. *O parresista não deixa nenhum espaço à interpretação.* [...] deixa à pessoa a quem se dirige a difícil tarefa de ter a coragem de aceitar essa verdade, de reconhecê-la e de fazer dela um princípio de conduta. Ele deixa essa tarefa moral, mas, ao contrário do profeta, não lhe deixa o difícil dever da interpretação. (FOUCAULT, 2011, p. 16, grifo meu).

---

4. “Etimologicamente *parrhêsia* é a atividade que consiste em dizer tudo: *pan rêma*. [...] O parresista é a pessoa que diz tudo.” (FOUCAULT, 2011, p. 9).

Foucault esclarece que a parresia confere ao parresiasta apenas um dever ao Outro, ao seu interlocutor: aceitar ou – eu acrescento – repudiar o discurso que lhe é vigorosamente lançado como verdadeiro. Em ambos os casos, ocorre uma reação explosiva. É conveniente agora evocar a assimilação médica que propõe Peirce da semiose indicial, pois lança luz sobre a análise foucaultiana da parresia: “o que é um índice ou um sintoma verdadeiro? É algo que, sem qualquer necessidade racional, é forçado pelo fato cego a corresponder ao seu objeto”. (PEIRCE, CP 7.628). Pode-se perguntar se há algo que poderia estar mais ligado à existência de alguém do que seu sintoma ou sua tatuagem (quase) indelével:

A parresia então [compreende] portanto o enunciado da verdade; depois, acima desse enunciado, um elemento implícito que poderíamos chamar de pacto parresiástico do sujeito consigo mesmo, pelo qual ele se liga ao conteúdo do enunciado e ao próprio ato do enunciado: eu sou aquele que disse isso. (FOUCAULT, 2010, p. 65).

Foucault fala de um “duplo pacto”, pois ele assume que não só alguém diz que está enunciando a verdade, mas que, ao fazê-lo, aponta para si mesmo como alguém que se define por aquele ato semiótico. É assim, precisamente, que funciona o índice, que “é um signo que se refere ao Objeto que denota em virtude de ser realmente afetado por aquele Objeto”. (PEIRCE, CP 2.248). Ao contrário, *não é indicial* aquilo que possibilita a realização de um ato performativo, mas de natureza simbólica: quem batiza alguém o faz pela virtude e em nome de algo geral, convencional, qual seja, a instituição que o precede e que continuará a existir depois que essa pessoa já não desempenhe mais aquela função de protocolo.

Volto-me agora à análise do discurso que propõe Goffman (1981, p. 144-145) para analisar “o formato de produção do enunciado” em três componentes: o *animador*, aquele que usa seu corpo ou mostra seu rosto na enunciação; o *autor*, quem é responsável pelo conteúdo; e o *representado* (no inglês, *principal*), que o autor define como “alguém cuja posição é estabelecida pelas palavras que são faladas, alguém que está comprometido com o que as palavras dizem”. No telejornal, os três componentes do formato enunciativo goffmaniano não se

superpõem; em uma conversa informal e espontânea, em geral, os três estão unificados e convergem no falante. A fusão dos três elementos enunciativos corresponde às “duas condições suplementares exigidas para que possamos falar de parresia [...]. Não somente essa verdade deve ser a opinião pessoal de quem está falando, mas ele deve dizê-la como sendo o que ele pensa. [...] O parresiasta dá a sua opinião, diz o que pensa, assina pessoalmente [...] a verdade que declara”. (FOUCAULT, 2011, p. 10-11).

### **3. As aventuras indiciais de dois notórios parresiastas do Mercosul**

Nesta seção, analiso exemplos de parresia cometidos pelos políticos José Mujica e Jair Bolsonaro. Como já indiquei, a noção não se refere apenas nem principalmente aos seus gestos, mas ao próprio ato de falar como eles falam, em contextos públicos e com inúmeros interlocutores que eles correm o risco de antagonizar. O fundamental nas ilustrações de sua atividade parresiasta é que, apesar de seu âmbito de ação estar localizado no Mercosul, devido ao enorme alcance midiático de seus signos, há muito os dois personagens transcenderam as fronteiras de seus países e de seus eleitorados. Sua parresia atinge um vasto público, parte do qual é antagônico a esses ditos.

#### **3.1 Duas intervenções do parresiasta levogiro José Pepe Mujica**

Apresentarei dois exemplos da abundante parresia do ex-guerrilheiro do Movimento de Libertação Nacional Tupamaros e presidente do Uruguai de 2010 a 2015. Por sua ideologia, designarei sua atividade como a de um *parresiasta levogiro*, devido à analogia com a propriedade química de uma substância que faz girar a luz polarizada para a esquerda do observador. O primeiro exemplo de parresia de Mujica foi registrado por um telejornal uruguaio, quando o time nacional de futebol voltou a Montevideu em 30 de junho de 2014 após ser eliminado da Copa do Mundo da FIFA, ocorrida no Brasil. Um momento marcante da atuação da equipe foi o violento e inesperado incidente que gerou inúmeras manchetes em todo o mundo: a mordida do craque uruguaio Luis Suárez no rival italiano Giorgio Chiellini, no jogo do 24

de junho. A grave ofensa determinou a imediata expulsão do artilheiro do campeonato e sua suspensão por nove jogos e quatro meses. O então presidente Mujica foi receber os jogadores no aeroporto, na madrugada do dia 30 de junho; um jornalista se aproximou para pedir sua opinião sobre a sanção imposta a Suárez. Sem hesitar, o presidente respondeu: “A FIFA é um bando de velhos filhos da puta”. Em seguida, ele cobriu-se a boca, enquanto sorria com um ar maroto (Figura 3). Era o gesto típico de quem diz a coisa errada e se arrepende na hora. Mas o que me leva a classificar esse ato como parresia é que, quando o jornalista lhe perguntou se poderia citá-lo, Mujica disse-lhe sem hesitar: “Publica isso aí!”. Totalmente ciente de ter dito algo que estava em conflito com o decoro de seu alto cargo, Mujica assumiu totalmente sua declaração e a completou com um gesto que parodiou a contrição. O então presidente da república aceitou com alegria que sua palavra fosse divulgada por todos os meios de comunicação, como de fato aconteceu.



FIGURA 3: José Mujica após insultar as autoridades da FIFA na frente de um jornalista, 30/06/2014  
FONTE: internet.

O outro exemplo de parresia levogira dessa figura política uruguaia aconteceu no já citado documentário de Kusturica. Com o chimarrão na mão, Mujica evoca com ar sonhador suas aventuras como guerrilheiro, na frente do extasiado diretor. Com evidente alegria, lhe confessa: “É a coisa mais bonita entrar num banco com uma pistola calibre 45 como

esta... [Mujica gesticula como se quisesse mostrar-lhe a agradável sensação de ter de novo aquela arma na mão] Todos te respeitam! [Sorriso]”.

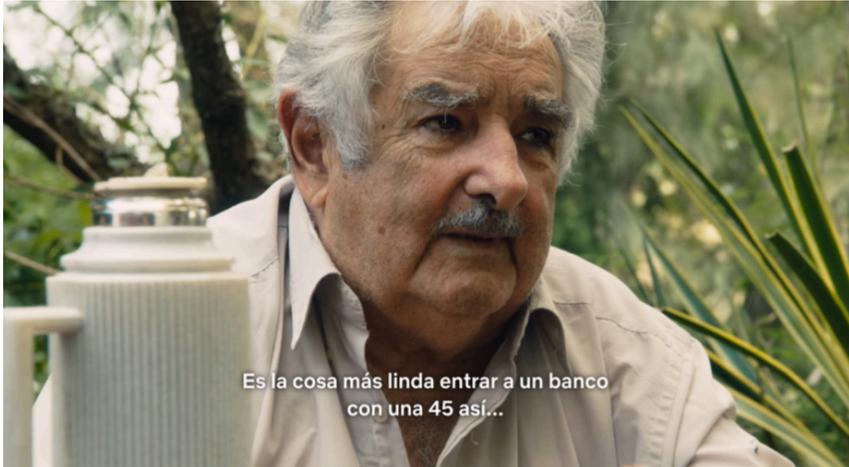


FIGURA 4: Mujica relata como se sentiu ao entrar para assaltar um banco armado com uma pistola calibre 45, em sua época de guerrilheiro tupamaro.

FONTE: filme *El Pepe. Uma vida suprema*.



FIGURA 5: - Mujica culmina sua narrativa e sua declaração parresiasta com um grande sorriso.

FONTE: filme *El Pepe. Uma vida suprema*

É importante notar que o relato cinematográfico usa o contraplano que permite observar de perto o efeito que as falas de Mujica têm no diretor/entrevistador: percebe-se em seu rosto um fascínio inegável pelas palavras e gestos do político uruguaio (Figura 6).



FIGURA 6: O fascínio do diretor e entrevistador E. Kusturica enquanto contempla Mujica relatar sua alegria por ter assaltado um banco armado com uma pistola calibre 45.

FONTE: filme *El Pepe: Uma vida suprema*

No início do documentário, Mujica havia falado algumas palavras em um tom muito lento, como se quisesse preparar seu espectador para receber uma mensagem de grande profundidade. Para tanto, o ex-presidente uruguaio assume um papel diverso ao do parresiasta, mas que também faz parte das “formas aletúrgicas (que) servem para a produção da verdade” (FOUCAULT, 2011, p. 3): o discurso do profeta. Foucault (2011, p. 15) o distingue da parresia assim: “o profeta revela, mostra ou ilumina aquilo que está oculto aos homens, mas de outra forma, ou melhor, ao mesmo tempo, ele não revela sem ser escuro, e ele não desvela sem envolver o que ele diz na forma de um enigma”.

Depois de afirmar solenemente que ele não seria quem ele é “se não tivesse vivido aqueles e tantos anos de profunda solidão” (EL PEPE, 2018), quando foi um dos reféns da ditadura em várias masmorras,

Mujica lentamente enuncia algo classificável como discurso profético: “É por isso que é curioso, Kusturica. O que vou te dizer não pode ser compreendido com o espírito de um encarregado de armazém. [Pausa.] Às vezes, o mau é bom. [Pausa.] Às vezes, ao contrário [pausa], o bom é mau”. J. L. Borges (1996, p. 171) remata “La Trama”, uma de suas histórias mínimas, de apenas dois parágrafos, com uma curiosa advertência sobre como ler a exclamação de surpresa que um personagem lança antes de ser morto por seus agressores: “estas palavras devem ser ouvidas, não lidas”. O mesmo é válido, penso, para compreender plenamente o alcance do pronunciamento de Mujica, que inclui uma metamensagem de tom aristocrático, que reforça e explicita o discurso profético que ele opta por dirigir ao seu entrevistador. Evocando mais uma vez o conto borgeano diria que, embora ele não saiba, o diretor sérvio chegou lá, e não me refiro apenas à modesta quinta de Mujica, nos arredores de Montevidéu, mas àquele tão sonhado encontro, que ele obviamente idealizou, para ouvir esse enigma, para entesourar os signos que chegam a ele após o aviso do ex-guerrilheiro. É como se Mujica lhe dissesse: o que eu vou dizer (para você) não é para todos; para entender minha fala, é preciso ser uma pessoa com uma capacidade especial que consiga superar a aparente contradição e resolver o enigma proferido.

Corria o boato no Uruguai de que a anunciada e posteriormente adiada estreia do filme *El Pepe* pela Netflix, sua distribuidora mundial, até o dia 27 de dezembro de 2019<sup>5</sup> deveu-se à existência de afirmações como a mencionada acima, à parresia formulada com evidente entusiasmo pelo protagonista do documentário, ao evocar com nostalgia seu tempo de assaltante na guerrilha tupamara.

Em 2019, ocorreram as eleições presidenciais no Uruguai e, embora Mujica não fosse candidato a esse cargo, pode ter havido o temor de que

---

5. A estreia mundial do documentário foi no dia 2 de setembro de 2018, na 75ª edição do Festival de Veneza. Uma das manchetes uruguaias sobre o anticlímax produzido ao adiar sua estreia já anunciada na Netflix foi esta do *Portal La Red21*: “A estreia do filme de Emir Kusturica sobre Pepe Mujica foi adiada. *El Pepe, una vida suprema*, do diretor sérvio Emir Kusturica, chegou à plataforma de streaming em 23 de agosto passado, mas a estreia foi adiada até novo aviso”. Disponível em: <https://www.lr21.com.uy/cultura/1408950-la-pelicula-de-emir-kusturica-sobre-pepe-mujica-desde-este-viernes-en-netflix>. Acesso em: 15 mar. 2020.

declarações como a citada subtraíssem votos (dos indecisos) à sua força política, a coalisão de esquerda Frente Amplio. Seja como for, os dois exemplos de parresia apresentados são tão indissociáveis da pessoa de José Mujica, ex-guerrilheiro e ex-presidente, quanto o são um sintoma ou uma tatuagem gravada no rosto. Não há margem alguma para ambiguidade ou para que quem assim falou tomasse distância dessas palavras. Portanto, o risco de causar consequências adversas na opinião pública pode ter gerado alguma ansiedade nas autoridades de seu grupo político. Assumir riscos é uma característica distintiva da fala parresiasista. A admiração por Mujica que o diretor/entrevistador evidencia ao longo do filme é provavelmente compartilhada pelos seguidores dessa figura política no Uruguai e no mundo. Mas também é provável que, naquele momento, seus atos parresiasistas viessem a receber o repúdio vigoroso daqueles que não concordam com sua ideologia nem com sua filiação partidária.

### **3.2 Dois momentos discursivos do parresiasista dextrogiro Jair Bolsonaro**

Com os mesmos critérios que usei para analisar as falas e as atitudes do político uruguaio, proponho descrever agora o presidente do Brasil como um exemplo de *parresiasista dextrogiro* por causa de sua ideologia política, com base na mesma analogia química. Um caso remonta à sua fase parlamentar, e o outro é um incidente ocorrido em 2019, durante a sua presidência. O primeiro episódio de parresia aconteceu em 13 de abril de 2015, em uma entrevista na televisão, quando o então deputado Jair Bolsonaro declarou, conforme mostra o meme das redes sociais (Figura 7), que seu sangue como doador era preferível a sangue doado por um homossexual. Bolsonaro justificou suas declarações como não discriminatórias: “São dados. Sangue é vida, é o combustível do nosso corpo. Entre o meu sangue e o de homossexual... Não sou eu que o digo, é o Ministério da Saúde que diz isso”.<sup>6</sup>

---

6. Disponível em: [https://www.huffpostbrasil.com/2015/14/04/before-ask-to-deixar-o-pp-jair-bolsonaro-afirma-que-sangu\\_n\\_7064858.html](https://www.huffpostbrasil.com/2015/14/04/before-ask-to-deixar-o-pp-jair-bolsonaro-afirma-que-sangu_n_7064858.html). Acesso em: 15 mar. 2020.



FIGURA 7: Deputado Jair Bolsonaro fala sobre a transfusão de sangue de um homossexual “não é confiável”, 13/04/2015

FONTE: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/04/bolsonaro-e-condenado-pagar-r-150-mil-por-declaracoes-homofobicas.html> (acesso em 9 dez. 2020).

Com esse depoimento, Bolsonaro reafirmou uma posição que ele já havia sustentado em uma entrevista na televisão em 2011. Essa afirmação foi apresentada por um dos animadores daquele programa como a fala do “mais polêmico deputado federal do Brasil”. Em 2015, sua declaração foi condenada por um tribunal por considerá-la “homofóbica”, e Bolsonaro teve de pagar multa de R\$ 150 mil.

A chave para interpretar essa declaração pública de Bolsonaro é que, ao fazê-la, ele não poderia ignorar o alto risco que corria. Não se trata apenas do repúdio previsível da população que se identifica com aquela opção sexual, mas também da rejeição de alguns de seus simpatizantes, e de outros atores políticos, que, apesar de sua real opinião sobre o assunto, não o diriam em público de uma forma que “não deixa margem à interpretação”. (FOUCAULT, 2011, p. 16). A parresia está nas antípodas não apenas do discurso politicamente correto, mas também da cautela elementar no discurso político de alguém que já manifestava a ambição presidencial. Nesse ato parresiasta, há um elemento de sinceridade autodestrutiva que extrapola a caracterização de Bolsonaro como um populista da direita mais conservadora de seu país. Tal consequência é um dos principais riscos da parresia, segundo Foucault (2010, 2011).

O segundo exemplo de atividade parresiasta tem a particularidade de não ser um discurso proferido diretamente por Bolsonaro, mas por alguém que não poderia ser descrito como um apoiador ou simpatizante dele. Esse ato semiótico ocorreu durante sua gestão presidencial. A parresia baseia-se na indexicalidade, na classe de semiose ou ação sígnica que consiste na resistência, na ação e na reação material, como a pegada no solo ou a tatuagem no rosto. Eu gostaria de caracterizar figurativamente este segundo exemplo como um grito dilacerante.

Trata-se de uma atividade parresiasta originada no mural de Facebook de um colega brasileiro. Para não revelar sua identidade, vou designá-lo aqui como AB. Sob o chamativo título “SOMOS TODOS BOLSONARO”, no dia 23 de agosto de 2019, AB se expressou assim com respeito aos muito abundantes comentários negativos sobre o presidente de seu país naquela rede social:

Parem de gritar no Facebook contra o presidente – ele nos representa. Parem, porque ninguém que pense diferente de você vai ouvir; e porque não há a menor chance de uma revolução ser feita pelas redes sociais. Bolsonaro foi eleito com a maioria dos votos válidos, essa é a regra que vale (e a regra tem que valer). Sim, é verdade que os votos que ele obteve não representam a maioria dos eleitores. Mas isso é um problema mais dele – que deveria olhar para o todo e não somente para os seus –, do que da gente – que deveria olhar mais para si do que para o outro. *Bolsonaro é a nossa cara. Ou melhor, tem o nosso jeito. Ou dá para dizer com tranquilidade que o brasileiro, por exemplo, fala bem, conhece das coisas, valoriza o estudo, respeita as diferenças e entende o que é a lei? Bolsonaro talvez seja a melhor representação daquilo que, no fundo, como brasileiros, sempre fomos: um povo mesquinho, preconceituoso, ignorante, desconfiável, personalista, desrespeitoso, animalesco.* [...] Em que atos aparentemente normais estão minhas pequenas corrupções diárias? Até onde eu chegaria para garantir a satisfação dos meus desejos pessoais? Quando foi que eu abri mão de pensar, passando a aceitar as maiores atrocidades, com as justificativas mais vãs? Em que parte de mim, dos meus gestos e da minha vida estão esses valores que permitem e legitimam a existência de um presidente como Bolsonaro? Depois disso, a gente pode começar a pensar em sair de onde está. (AB, 2019, grifo meu).

A operação retórica desenvolvida no extenso texto colocado no mural da rede social é chocante já no início, pois a rubrica “SOMOS

TODOS...” tem sido utilizada nas redes para expressar aflição coletiva causada por um ato extremadamente violento. A condição social e intelectual de meu colega e suas publicações típicas em Facebook não predisõem o visitante de sua página a receber essas palavras exasperadas. Os elementos que destaquei constituem o cerne do ato parresíasta realizado por AB.

Minha caracterização desse texto como um caso de parresia deve-se à sua proclamação categórica e *sincerizada* de que todos, não somente os eleitores de Bolsonaro, mas a nação brasileira inteira, deveriam examinar as causas profundas de tal acidente político, em vez de apenas criticá-lo. A justificativa oferecida por AB para sua insólita reclamação foi que aquela nação seria um reflexo fiel do que é denunciado tenaz e ferozmente nas redes como os piores defeitos do presidente: “Bolsonaro talvez seja a melhor representação daquilo que, no fundo, como brasileiros, sempre fomos: um povo mesquinho, preconceituoso, ignorante, desconfiável, personalista, desrespeitoso, animalesco” (AB, 2019). A fala de AB possui todas as características que definem a parresia: a) o texto aparece no próprio mural dele; b) não só ele o assina, mas sua fotografia aparece ao lado; c) ao fazer isso, AB optou por transmitir sua declaração ao conjunto de seus 4.276 amigos de Facebook; d) e o aspecto mais importante: por estar materialmente e inequivocamente associado a essa proclamação, AB se expôs ao elevado risco de prejudicar de modo notável e irreversível seu relacionamento amigável com um grande número dessas pessoas, de ser atacado e possivelmente banido ou bloqueado por muitas delas.<sup>7</sup>

A ousada declaração feita por AB equivale a colocar uma tatuagem impactante em seu rosto. Todos os visitantes de seu mural no Facebook podem apreciar a decisão que ele tomou de exibir aqueles signos marcantes como uma opinião inegavelmente sua, como um signo de identidade associado indicialmente à sua pessoa. Conforme nos adverte Foucault (2010), nada é menos parecido com um ato de fala performativo do que a parresia, conforme ilustra esse inusitado manifesto em

---

7. Não considero aqui, por não ser relevante para a análise, o grau de amizade autêntica ou apenas de certo conhecimento, e inclusive de uma relação ainda mais tênue, dos milhares de “amigos de Facebook” de AB.

uma rede social. O que claramente aconteceu aqui foi a decisão de dar um salto no vazio com um incendiário discurso sincericida, que corre o risco de ofender, de quebrar de modo irreversível sua amizade com muitos dos milhares de amigos no Facebook.

Seu gesto ilustra o funcionamento semiótico, indicial da parresia: um potente mecanismo de ação e reação. Perante a *performance* parresiasta do presidente Bolsonaro, que é denunciada e atacada por inúmeros brasileiros nas redes, considero que a reação parresiasta de AB contra aquele ataque é igualmente feroz e contundente. Não parece plausível concluir que há uma adesão de AB à ideologia desse político. Nada em suas intervenções habituais no Facebook, ou em sua própria condição social e cultural, indicaria essa atitude. Trata-se de um signo indicial semelhante, mas de direção contrária aos signos que em seu mural do Facebook AB denuncia como hipócritas. A parresia de AB consiste justamente em se incluir a si mesmo nessa acusação grave e massiva contra seus compatriotas, já que o autor faz parte da nação assim denegrida. A única coisa que poderia exonerá-lo de ser alvo de sua feroz tirada é o fato de ter reagido com exasperação parresiasta aos incontáveis ataques contra Bolsonaro nas redes – impossível não perceber a estranha situação semiótica na qual um parresiasta ao mesmo tempo os denuncia e denuncia-se a si mesmo. A decisão de se apropriar desse discurso cria um grande risco para seu relacionamento no Facebook, como é evidenciado pelos abundantes comentários que a mensagem acima mencionada gerou em seu mural.

#### **4. Conclusões preliminares: a parresia e a virada indicial da política**

Tanto o comentário hostil de Jair Bolsonaro contra a população homossexual quanto a diatribe exasperada do acadêmico brasileiro em sua rede social tornam muito difícil questionar sua autenticidade, seu caráter de “verdadeiro sintoma”. (PEIRCE). O caráter sincericida da entrevista na televisão em 2015, quando o congressista Bolsonaro se gaba de não aceitar a transfusão de sangue de um homossexual por ser insegura, e a extensa e iracunda intervenção de meu colega de Facebook sobre as duras e copiosas críticas contra Bolsonaro não induzem dúvidas

sobre sua autenticidade. Esse elemento define a parresia como um ato semiótico: seu caráter indicial não nos permite deixar de lado seu tangível vínculo existencial com o corpo do parresiasta.

Se pensarmos na imagem de superexposição do corpo do ex-presidente uruguaio José Mujica em seu andar descuidado de cueca, em um documentário dedicado à exaltação de sua personalidade humana e política, e nas flagrantes transgressões do protocolo – sua linguagem vulgar em uma entrevista e a alegre evocação do assalto à mão armada –, todas servem como garantia da autenticidade daquele discurso. Nisso consiste o efeito fundamental da parresia. Se não considerarmos o caráter levogiro – Mujica – ou dextrogiro – Bolsonaro – desses parresiastas latino-americanos, o essencial é que suas intervenções discursivas provocam fortes reações em suas vastas audiências. Esse comportamento reativo é típico da semiose indicial: reage-se com força a algo que nos é imposto por modo compulsivo, como um golpe ou como a visão hipnótica de uma tatuagem no rosto de alguém.

Em uma época na qual o discurso político tradicional como alicerce da democracia parece ter declinado em sua credibilidade, a virada indicial surge com pujança sem precedentes. Manifesta-se sempre como um elemento perceptível, grudado ao corpo de quem expressa algo como sua opinião, sua verdade, e coloca seu próprio corpo como a garantia última de sua afirmação. Um meme que vi no Facebook há muito tempo fazia esta pergunta retórica: “O que os uruguaios fizeram para merecer Mujica?”. Outro meme que vi recentemente exibe imagens do presidente Bolsonaro em poses chocantes e grotescas (Figura 8), todas classificáveis como parresiastas. A seguir, lemos: “Acredite se quiser, isso é um presidente”. Naquele momento, tinha 12 mil compartilhamentos e quase 700 comentários. Escolho um deles: “Um dia, nossa geração futura olhará em nossos olhos e perguntará: você deixou isso acontecer?”.



FIGURA 8: Meme produzido com um collage de imagens grotescas de J. Bolsonaro  
 FONTE: <https://www.facebook.com/BlackFaces.org/photos/twitter-apaga-publica%C3%A7%C3%B5es-de-jair-bolsonaro-por-violarem-regras-da-redeanonymos/2512286682371463/> (acesso em: 9 dez. 2020).

Nesta análise, eu descrevi dois caminhos opostos para atingir a autenticidade: o utópico encarnado pela figura do ex-presidente uruguaio e ex-guerrilheiro José Mujica, um totem vivo da ideologia revolucionária da segunda metade do século 20; já a trajetória distópica é encenada nas palavras e nas atitudes do presidente do Brasil, Jair Bolsonaro. Mas também merece o nome de ato parresíasta a intervenção escrita do curioso defensor/atacante cujo manifesto no Facebook eu citei e analisei. Uma explicação possível do impacto político da parresia é o anseio por uma experiência quase tangível de significação. A produção dessa experiência tão desejada está no cerne da virada indicial, qual seja, a prevalência do signo que opera como um genuíno sintoma, e que nos faz ter a impressão de chegar o mais perto possível da materialidade autêntica do outro.

## Referências

- AB. *Somos todos Bolsonaro*. [S. l.], 23 ago. 2019. Facebook: AB.
- ANDACHT, Fernando. *El reality show: una perspectiva analítica de la televisión*. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2003a.
- ANDACHT, Fernando. Uma aproximação analítica do formato televisivo do reality show Big Brother. *Revista Galáxia*, n. 6, p. 145-164, 2003b.
- ANDACHT, Fernando. Representaciones de lo real mediático en el Brasil contemporáneo: auto-imagen nacional en la era del reality show. *Cuadernos del CLAEH*, v. 90, n. 28, p. 28-44, 2005.
- ANDACHT, Fernando. On the media representation of reality: Peirce and Auerbach, two unlikely guests in the Big Brother house. In: VAN BAUWEL, Sophie; CARPENTIER, Nico (orgs.). *Trans-reality television: the transgression of reality, genre, politics and audience*. Lanham: Lexington Books, 2010. p. 37-64.
- ANDACHT, Fernando. Sobre el inesperado desembarco indicial del reality show en el siglo 21. *Espacio Abierto*, v. 25, n. 4, p. 239-252, 2016.
- BORGES, Jorge Luis. La trama. In: BORGES, Jorge Luis. *Obra completa II*. Buenos Aires: Emecé, 1996.
- EL PEPE: una vida suprema. Dirección: Emir Kusturica. Montevideu: Kramer & Sigman Films, 2018. Netflix (74 min.)
- FISCHER, Sandra; VAZ, Aline. A manipulação do autêntico e a profanação do contrário: um imaginário populista no Brasil? In: CONGRESO LATINOAMERICANO DE TEORÍA SOCIAL, 3., 2019, Buenos Aires. *Actas [...]*. 2019. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 2019.
- FOUCAULT, Michel. *Fearless Speech*. Los Angeles: Semiotext(e), 2001.
- FOUCAULT, Michel. *The government of self and others: lectures at the Collège de France 1982-1983*. Londres: Palgrave; Macmillan, 2010.

FOUCAULT, Michel. *The courage of the truth (the government of self and others II): lectures at the Collège de France 1983-1984*. Londres: Palgrave; Macmillan, 2011.

GOFFMAN, Erving. *The presentation of self in everyday life*. Nova York: Doubleday Anchor, 1958.

GOFFMAN, Erving. *Forms of Talk*. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 1981.

PEIRCE, Charles Sanders. *The collected papers of C. S. Peirce*. Cambridge: Harvard University Press, 1931-1958. v. 1-8.

RANDELL, Joseph. On the use and abuse of the immediate/dynamical object distinction. *Arisbe*, 22 abr. 2007. Disponível em: <https://arisbe.sitehost.iu.edu/menu/library/aboutcsp/ransdell/useabuse.htm>. Acesso em: 15 mar. 2020.

RIVERA, Takeo. You have to be what you're talking about: youth poets, amateur counter-conduct, and parrhesiastic value in the amateur youth poetry slam. *Performance Research*, v. 18, n. 2, p. 114-123, 2013.